

**economia**

# Wilson Sons fará aporte de R\$ 1,1 bi no Tecon Rio Grande

Cais do complexo gaúcho passará de 900 metros para 1,2 mil metros

/ LOGÍSTICA

A Wilson Sons, operador de logística portuária e marítima e controlador do Terminal de Contêineres (Tecon) Rio Grande, prevê a expansão do complexo situado na Metade Sul gaúcha por meio de um investimento superior a R\$ 1,1 bilhão em infraestrutura até 2030. A iniciativa, conforme nota da empresa, tem como objetivo ampliar a capacidade operacional do terminal e atender à crescente demanda de logística do Rio Grande do Sul e do Cone Sul, reforçando a competitividade regional e a infraestrutura da economia brasileira.

Em março, o **Jornal do Comércio** já havia adiantado a intenção do Tecon Rio Grande de aumentar a sua capacidade. Naquela ocasião, foi informado que a perspectiva de investimento era de R\$ 1,4 bilhão, até 2029. Ainda segundo comunicado da Wilson Sons, a necessidade de ampliação acompanha um movimento já em curso, impulsionado pelo crescimento da produção dos exportadores e pelo aumento do transbordo de contêineres provenientes de países como Uruguai, Argentina e Paraguai.

“Nesse contexto, os investimentos tornam-se essenciais para evitar gargalos logísticos e garantir a continuidade da alta performance operacional do terminal e o atendimento a navios cada vez maiores”, frisa o comunicado.

Entre as principais iniciativas está a ampliação do cais, que passará dos atuais 900 metros para 1,2 mil metros. A expansão permitirá a operação simultânea de até três navios de grande porte, especialmente da classe New Panamax, com 366 metros de comprimento e predominantes nas rotas internacionais. O objetivo é assegurar a manutenção do porto como hub de cargas na região do Cone Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai), operando os navios de maior porte que atracam na costa brasileira.

“A ampliação responde diretamente à necessidade de garantir o escoamento da produ-



Terminal quer atender navios maiores e mercado do Cone Sul

ção de exportadores gaúchos e do Cone Sul, além de atender a importadores, que dependem da eficiência do porto para manter a competitividade do Rio Grande do Sul no mercado nacional e internacional. Se esses investimentos fossem postergados, haveria risco de restrições operacionais relevantes, como filas de navios, omissões de escala e desvio de cargas para outros portos, com impacto direto sobre o custo logístico do Estado”, afirma o diretor-presidente do Tecon Rio Grande, Paulo Bertinetti.

O projeto inclui ainda a ampliação da retroárea, a pavimentação de mais de 180 mil metros quadrados e a aquisição de novos equipamentos, como três guindastes de cais (STS), 14 guindastes de pátio (RTGs) e 26 tratores. Todos são elétricos, com automação embarcada e operação remota, além de sistemas de telemetria de última geração para monitoramento dos ativos.

O investimento também deve impulsionar o desenvolvimento socioeconômico da região, com a geração estimada de cerca de 220 empregos diretos, além de 500 durante as obras e mais de 5 mil postos indiretos ao longo da cadeia logística. “Investimentos dessa magnitude tendem a gerar novas

oportunidades ao longo das diferentes etapas do projeto e das operações, contribuindo para o fortalecimento da economia local”, complementa Bertinetti.

Atualmente, o Tecon Rio Grande funciona como a principal porta de entrada e saída de insumos e produtos da economia gaúcha e de todo o Cone Sul.

Entre as cargas de origem brasileira, destacam-se, nas exportações, frango congelado, carne suína, tabaco, arroz, resinas, celulose e móveis; e, nas importações, partes e peças, máquinas, produtos químicos e artigos de aço. Já no fluxo proveniente dos países vizinhos, o terminal agrega cargas em transbordo que incluem carne bovina, partes e peças, madeira, produtos químicos, máquinas, resinas, equipamentos eletrônicos e sementes.

Com o projeto, destaca a Wilson Sons, o terminal reforça seu papel como infraestrutura estratégica para o escoamento da produção do Sul do País e para a integração logística do Cone Sul.

Em um cenário de transformação acelerada do transporte marítimo, a adequação da capacidade portuária deixa de ser diferencial e passa a ser condição para a competitividade do Brasil no comércio internacional.



**Gerson Anzzulin**  
atencaonoseguro@gmail.com

**Atenção no seguro**

INFORME PUBLICITÁRIO

## Os desafios do SindsegRS com 13 décadas de atividades

O Sindicato das Seguradoras do Rio Grande do Sul completou 130 anos. Nestas treze décadas de atividades, a entidade representou e mostrou a importância do mercado segurador à sociedade gaúcha, principalmente em momentos de dificuldades, como o das enchentes de 2024. Nesta entrevista, o presidente do SindsegRS, Ederson Daronco, fala sobre os efeitos da tragédia climática no Rio Grande do Sul.



Ederson Daronco: “A conscientização sobre cobertura ainda não evoluiu de forma eficiente”

**- Após dois anos, o Rio Grande do Sul ainda convive com os efeitos da tragédia climática?**

O Estado demonstrou fragilidades, sendo que muitas delas continuam. A conscientização de cobertura ainda não evoluiu o suficiente para que se tenha uma tranquilidade caso algo venha a acontecer.

**- O cenário de 2024 expôs e colocou em debate a forma como a sociedade gaúcha enxerga a prevenção e a proteção diante de eventos climáticos cada vez mais frequentes?**

Deveria ter ocorrido a conscientização para que olhassem as inúmeras ferramentas que poderiam estar utilizando no seu dia a dia. Isto pode tranquilizar a pessoa, o negócio e a família diante de intempéries climáticas que ocorrem cada vez com mais frequência. Na verdade, estamos em um processo evolutivo, mas num ritmo lento.

**- Como foi o papel desempenhado pelo mercado segurador naquele período?**

As companhias seguradoras se colocaram do lado da população que tinha seguro. Foi realizado um movimento de devolução de coberturas contratadas de forma rápida e ágil. Isto favoreceu para tranquilizar e reorganizar naquele momento de desconforto a vida financeira de famílias e empresas. As companhias flexibilizaram seus protocolos de atendimento para atender às necessidades dentro de um cenário de urgência. Na prática, ocorreu um trabalho de devolução de reservas à sociedade.

**- O episódio de 2024 mostrou que o seguro é um instrumento essencial para pessoas e empresas?**

Sem dúvida. A cobertura securitária vai repor o que você perdeu. Se eu tenho um veículo que utilizo para o trabalho, aproveitarei a verba indenizatória para repor o bem e voltar a atividade comercial. Vale a mesma regra para atividades empresariais e comerciais. A concepção do seguro é o mutualismo. O seguro vem para reparar o que se perdeu.

**- Caso aconteça algum novo infortúnio climático no Estado, as seguradoras estão preparadas para garantir a segurança e o desenvolvimento do Estado?**

As seguradoras no Brasil estão bem preparadas. Quando foram exigidas, estavam presentes. Isto valeu no Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais, onde ocorreram episódios desafiadores. As empresas têm governanças estruturadas.

**Proteção** começa sempre com **informação.**

Siga o SINDSEGRS nas redes sociais para conhecer tudo sobre o Mercado Segurador, de forma didática e envolvente.




